

Padrões de uso instanciados por construções [VLOC] numa amostra do português brasileiro

Construction-instantiated usage patterns [VLOC]
in a sample from Brazilian Portuguese

Modelos de uso instanciados por construcciones [VLOC]
en una muestra del portugués brasileño

Gessilene Silveira Kanthack

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil)

Maria Alice Linhares Costa

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/ CAPES Brasil)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma descrição e análise de padrões instanciados por construções formadas de verbo + locativo circunstancial (construções [VLOC]) a partir de uma metodologia que contempla usos efetivos do português brasileiro. Assumindo pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial a partir das contribuições da chamada Gramática de Construções, verificamos que as construções [VLOC] se distribuem em dois conjuntos: em um, verbo e locativo atuam no nível do léxico, com sentido pleno e objetivo; no outro, com arranjos procedurais, verbo e locativo evidenciam uma forte integração das subpartes e formam um novo pareamento de forma e função, atuando no nível pragmático-

* Sobre as autoras ver página 191.



discursivo, com valor gramatical e sentido (inter)subjetivo, ora como modalizador, ora como marcador discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de Construções. Construções [VLOC]. Padrões de usos.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a description and analysis of instantiated patterns by constructions formed of circumstantial verb + locative (constructions [VLOC]) from a methodology that contemplates effective uses of Brazilian Portuguese. Assuming Usage-Centered Functional Linguistics assumptions, especially from the contributions of the so-called Grammar of Constructions, we found that the [VLOC] constructions are distributed in two sets: in one, verb and locative act at the lexical level, with full and objective meaning; in the other, with procedural arrangements, verb and locative evidence a strong integration of the subparts and form a new match of form and function, acting at the pragmatic-discursive level, with grammar value and with (inter)subjective meaning, sometimes as modalizer, sometimes as discursive marker.

KEYWORDS: Grammar of Constructions. Constructions [VLOC]. Standards of use.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es presentar una descripción y análisis de modelos instanciados por construcciones constituidas de verbo + locativo circunstancial (construcciones [VLOC]) a partir de una metodología que contempla usos efectivos del portugués brasileño. Considerando presupuestos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso, en especial a partir de las contribuciones de la llamada Gramática de Construcciones, verificamos que las construcciones [VLOC] se distribuyen en dos conjuntos: en uno, verbo y locativo actúan en el nivel del léxico, con sentido pleno y objetivo. En el otro, con arreglos procedurales, verbo y locativo evidencian una fuerte integración de las subpartes y forman un nuevo emparejamiento de forma y función, actuando en el nivel pragmático-discursivo, con valor gramatical y con sentido (inter)subjetivo, algunas veces como modalizador, otras veces como marcador discursivo.

PALABRAS-CLAVE: Gramática de Construcciones. Construcciones [VLOC]. Modelos de uso.

1 Introdução

Tendo como base o pressuposto de que a unidade básica da gramática é a construção, a qual é um pareamento convencional de forma e sentido, nos termos de Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), apresentamos, neste artigo, uma descrição e análise de padrões instanciados por construções formadas de verbo + locativo circunstancial (doravante construções [VLOC]) a partir de usos efetivos do português brasileiro.

Para tanto, recorreremos a um corpus de língua falada, especificamente 40 entrevistas disponibilizadas no Banco de Dados do Projeto A Brasília que não lê (desenvolvido pela profa. Dra. Stella Maris Bortoni de Figueiredo

Ricardo, no período de 2009-2011¹), atendendo, assim, a um dos princípios defendidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o de que “a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

A justificativa para a escolha do *corpus* se deu em função de a língua falada ser elaborada e reelaborada no momento da interação discursiva, o que favorece a ocorrência de itens linguísticos que indiquem hesitações, reformulações, correções e processos (inter)subjetivos, a exemplo de modalizadores e marcadores discursivos, assumidos, aqui, como construções procedurais, responsáveis por sinalizar relações discursivas em que se evidenciam a postura do falante em relação ao que diz e a orientação que ele imprime no plano da atividade comunicativa.

Para a abordagem construcional, a gramática deve ser compreendida como “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013), e, por isso, ela pode ser influenciada pelo uso em situações concretas de interação comunicativa. Dado esse pressuposto, partimos da hipótese de que a entrevista, um gênero de organização textual-interativa, favorece o uso de construções [VLOC] com funções procedurais, isto é, com um padrão que indica uma forte integração entre verbo e locativo, formando, assim, um pareamento que articula um único sentido convencionalizado.

Para fins práticos, o artigo está organizado assim: primeiro, expomos pressupostos que caracterizam a Gramática de Construções, modelo teórico em que nos baseamos para fundamentar a nossa descrição e análise; segundo, apresentamos uma amostra envolvendo os padrões de uso das construções [VLOC] no *corpus* analisado; terceiro, demonstramos a hierarquia construcional projetada pelas construções [VLOC] em sua função procedural; e quarto, com as considerações finais e as referências encerramos o artigo.

2 Gramática de Construções: um modelo de análise com foco na construção

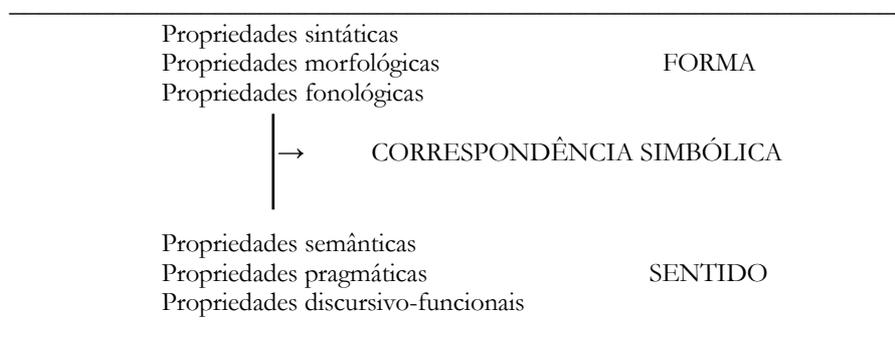
Desenvolvida no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções (cf. GOLDBERG (1995; 2006), CROFT (2001), TRAUGOTT; TROUSDALE (2013) corresponde a um modelo teórico que defende a ideia de que a língua é constituída de pares de forma e significado ou construções organizadas em uma rede, em que cada construção forma um nó que se conecta, de forma hierárquica, a outros nós da rede. Nessa abordagem, construções são entendidas como unidades simbólicas convencionais. Convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes; simbólicas porque são signos, associações arbitrárias de forma e significado; unidades porque alguma particularidade do signo é tão idiossincrática (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo está arraigado como um pareamento de forma-significado na mente do usuário da língua (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

¹ Nesse projeto, a autora registrou histórias de vida de pessoas não-alfabetizadas residentes no Distrito Federal.

Ambas as vertentes teóricas, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções, compartilham com a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) pressupostos como: (i) a linguagem humana é construída a partir das interações do indivíduo com o mundo; (ii) a língua, assim como outros sistemas cognitivos, corresponde a uma rede de nós e elos que os interligam; (iii) a gramática é concebida de forma holística, em que nenhum nível é autônomo ou nuclear, estando a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e a pragmática interrelacionadas; (iv) a unidade básica da gramática é a construção, que se aplica a qualquer estrutura gramatical, desde morfemas a estruturas complexas; (v) há uma relação estreita entre a estrutura da língua e o uso que o falante faz dela em contextos efetivos de comunicação, indicando que a organização gramatical é moldada pelo uso (FURTADO DA CUNHA; LACERDA, 2016).

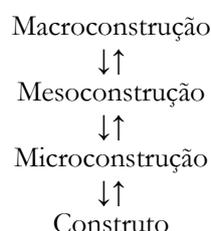
Assim, à luz de pressupostos como esses, as análises dos fenômenos linguísticos voltam a atenção não para itens isolados, específicos, mas para a instanciação de construções que só podem ser compreendidas se levar em consideração propriedades do âmbito da forma (sintáticas, morfológicas e fonológicas) e do âmbito do sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais), pois o pressuposto é que elas estão interligadas por uma correspondência simbólica, como indica o modelo proposto por Croft (2001, p.18), ilustrado na figura 1:

Figura 1. Modelo de estrutura simbólica da construção
C O N S T R U Ç Ã O



Conforme esse modelo, não há primazia de qualquer eixo, da forma e do sentido, pois é a correspondência simbólica que os une que deve ser considerada na análise da construção, unidade que se instancia no uso linguístico. Nessa abordagem, os usos são resultantes de modelos convencionalizados a partir da relação entre linguagem, cognição e contexto sócio-histórico, que, conseqüentemente, motiva e determina a fixação de padrões gramaticais, por exemplo, como os que são instanciados pelas construções [VLOC] em sua função procedural, em que verbo e locativo formam pareamentos de forma e sentido, instaurando, assim, o elo de correspondência simbólica a que Croft (2001) se refere.

Para a Gramática de Construções, a construção é interpretada de forma hierárquica e esquemática, como propõe, por exemplo, Traugott (2008) a partir do modelo que ilustra a figura 2:

Figura 2. Modelo de níveis de esquematicidade construcional

No nível mais alto da hierarquia temos a macroconstrução, esquema abstrato e virtual que existe na mente dos falantes. A partir desse esquema, são criadas, no segundo nível, as mesoconstruções, conjunto de construções específicas reunidas por traços similares. No terceiro nível, estão as microconstruções, construções do tipo individual com potencial de se instanciarem no discurso. Por fim, no quarto nível, os construtos, as instâncias de uso empiricamente atestadas nas situações comunicativas.

As setas da figura 2 indicam que as construções podem ser formadas a partir de duas direções: de forma descendente (*top-down*) e de forma ascendente (*bottom-up*). Na primeira rota, de cima para baixo, padrões abstratos licenciam novas construções; na segunda, de baixo para cima, são os construtos que motivam a criação de novos padrões abstratos. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a primeira direção ocasiona as chamadas *mudanças construcionais*, que afetam ou o plano da forma ou o plano do conteúdo, impactando sobre traços ou características de construções já existentes; a segunda, as *construcionalizações*, mudanças que acontecem nos dois planos, afetando uma mesma estrutura da língua e dando origem a uma nova construção gramatical, ou seja, a um novo e convencionalizado pareamento de forma e sentido.

Seja na direção descendente, seja na ascendente, o *locus* de investigação das pesquisas que levam em consideração os usos efetivos de língua está no nível mais baixo, nos chamados construtos, que correspondem aos usos concretos, pois os três primeiros níveis são esquematizações virtuais, portanto, mais abstratos, conforme Traugott (2008).

A fim de demonstrar construtos envolvendo construções [VLOC], apresentamos, na próxima seção, uma amostra de usos do português brasileiro.

3 Construções [VLOC] no português brasileiro: a nossa amostra

Tendo em vista que o objetivo do trabalho é apresentar uma descrição e análise de padrões instanciados por construções [VLOC], num primeiro momento da investigação, identificamos, nas 40 entrevistas selecionadas, todas as ocorrências de construções [VLOC], com verbos que formavam unidade com os seguintes advérbios circunstanciais: *lá, aqui, daqui, ali, dali e aí*. Feito esse levantamento, separamos, a partir da primeira análise qualitativa, as construções em dois grupos. O primeiro foi composto de construções com arranjos lexicais, em que verbos e locativos desempenham as suas funções plenas, isto é, o verbo

atua como núcleo da sentença e o locativo como adjunto adverbial², como ilustram (1) e (2);

(1)

(74) Arthur Ferreira - E todos são brasileiros?

(75) Sr^a L. - NÃO!

(76) Arthur Ferreira - Não?

(77) Sr^a L. - Só tem o pequeno, que é, que **nasceu aqui**.

(2)

(70) Arthur Ferreira - Mas, você veio pra Brasília e morou, você morou aonde, aqui em Brasília?

(71) Sr^a E S - **Morei lá** im Taguatinga.

Para atestar que verbo e locativo exercem suas funções plenas e não formam um pareamento de forma e sentido, usamos como teste a inserção de outros elementos sintáticos entre eles, por exemplo: *nasceu no ano passado aqui*, *nasceu naquela época aqui*, *morei por um tempo lá*, *morei com outras pessoas lá*. De um total de 311 construções [VLOC] registradas, 287 foram de construções com arranjos lexicais, motivadas pelo tipo de pergunta feita pelo entrevistador, quase sempre orientada a um determinado espaço físico, ora à cidade de origem, ora à cidade de Brasília.

O segundo grupo foi composto de construções com arranjos procedurais, em que verbo e locativo formam um pareamento de forma e função, estando os dois itens fortemente integrados, veiculando uma única informação. Foram registrados 24 usos desse tipo de construção, que ora desempenhava a função de modalizador, ora de marcador discursivo, atuando no nível pragmático-discursivo, portanto, com valor gramatical.

Como modalizador, uma estratégia linguística que permite ao falante expressar o seu julgamento e seu comprometimento em relação ao que diz (cf. CASTILHO; CASTILHO 1993), registramos a construção [VLOC] sendo formada pelo verbo de natureza cognitiva *saber* e pelo locativo *lá*, como ilustram os exemplos em (3) e (4)³:

(3)

(29) Arthur Ferreira - Não tinha nenhuma escola?

(30) Sr^a L. - Eu vim coin'ecer uma escola, cum 13 anos, [...] tarra trabalhandu fora, trabalhava de custurera trabalhava du'qui aparecessi. Então a criança quando é nova ela tem quando tem 12 anu, 13 anus ach que ela tem mais cabeça prá istudá do que uma pessoa que tá com 26 anos, 27 anos, **sei lá**, aí nois num interessou muito ainda aprendi, ainda cheguei até o 3º ano.

² Assumimos que, em sua função plena, os circunstanciais são advérbios não-modificadores, pois, como a própria denominação já os apresenta, eles “não modificam o significado do elemento sobre o qual incidem”, uma vez que não “operam sobre o valor de verdade da oração” (NEVES, 2002, p. 238-239).

³ Para a função de modalizador, tivemos como base Oliveira e Santos (2011), que demonstram vários usos de *sei lá* como modalizador e marcador discursivo. No caso de nossa análise, assumimos que *sei lá* é modalizador porque pode ser substituído pela construção equivalente *não sei*.

(4)

(114) Arthur Ferreira - Lá o padre lia pra vocês. Vocês entendia o que ele falava?

(115) Sr. P. J. - Intindia nada! Nada! Eu num intindia bulufa ni'uma.

(116) Arthur Ferreira - Não? Era latim que ele falava era? Ou era português que ele falava?

(117) Sr. P. J. - Eu **sei lá**, eu nem lembro mais como é que era moço!

Em ambas as situações comunicativas, os falantes recorrem ao *sei lá* para expressar, de forma subjetiva, a sua incerteza a respeito do que diz. Em (3), a incerteza é sobre a idade exata em que uma pessoa tem para focar na escola; em (4), é sobre o fato de o padre falar em latim ou em português. Assumimos que se trata de um modalizador de natureza asseverativa relativa, pois o conteúdo do que se diz é apresentado como incerto, como algo que o falante acredita ser provável (NEVES, 2000).

Como marcador discursivo, a construção é usada para orientar o processamento discursivo, “evidenciando, ao mesmo tempo, a presença do falante e a maneira pelo qual o interlocutor deve compreender a informação transmitida” (TEIXEIRA, 2015, p. 46-47). Para essa autora, os marcadores são itens linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, servindo para enfatizar o rumo da interlocução, acentuando, assim, a intersubjetividade.

Dentre os usos com a função de marcador discursivo, destacamos, neste artigo, três construções em particular, a fim de demonstrar que verbo e locativo formam mesmo um pareamento de forma e sentido, não podendo ser interpretados separadamente. Uma delas envolve o verbo *esperar*, usado em forma reduzida para interromper/refrear o processamento da informação, como se pode notar em (5) e (6):

(5)

(154) Arthur Ferreira - Mas a senhora veio pra Brasília em que ano? A senhora lembra?

(155) Sr^a V. P. - Ah, eu num me lembro mar não!

(156)) Arthur Ferreira - Num vem não né?...((Falo da data!))

(157) Sr^a V. P. - Quê, que é isso? **Peraí** xá vê se eu ainda lembro.

No intuito de ganhar tempo para recuperar, em sua memória, a data em que se mudou para Brasília, a entrevistada recorre ao *perai* para interromper/refrear a fala do interlocutor, o que é reforçado pela expressão *xá vê se eu ainda lembro*.

(6)

(136) Arthur Ferreira - Ah, então a siora mudou pra cá entre 95 ou 96!

(137) Sr^a E S - Por a, não! Foi! Não! **Pêra lá**... **Guenta ai** qui eu vô lhís plicar. Eu entrei aqui, eu vim pra cá pru “P” norti, foi, foi im oi novencincu, comu é não imoitentincincu, não! Num foi in oitentincincu não! Ni+ Foi na foi não! imnoventiseti eu entrei aqui, eu tavaentranu, eu foi qui eu fichei nessa firma. In noventa e seti.

Em (6), além de *esperar* temos também o verbo *aguentar*, ambos sendo usados em suas formas reduzidas, constituindo unidades com os locativos e indicando que o falante as usa para refrear o direcionamento da informação que está sendo veiculada, no intuito de esclarecer o que lhe foi perguntado. No exemplo em (6), fica claro que, ao responder à pergunta feita, a entrevistada, num primeiro momento, iria concordar com o ano que se mudou para Brasília, mas se equivoca (*não! Foi! Não!*), se hesita e, para ganhar tempo a fim de esclarecer o fato, usa as duas construções, *Pêra lá* e *Guenta aí*. Ao utilizar o *lá*, primeiro, sinaliza um distanciamento, abstando-se, de certo modo, da responsabilidade com o que foi comunicado que, ao lado do *pêra*, sinaliza uma advertência/uma interrupção. Diferentemente, quando usa o *aí*, direciona a responsabilidade para si, pois é ela própria quem deseja continuar explicando o ano em que foi para Brasília, refreando, portanto, a fala do interlocutor.

A segunda construção que apresentamos aqui envolve o verbo *ser*, que, juntamente com o *aí*, denota a ideia de constatação, como indica o exemplo em (7):

(7)

(39) Sr^a I. - Ainda aprendi a lê e escrever, ainda aprendi, achu que eu fazia 3 continha por aí, e só.

(40) Arthur Ferreira - Só, né?

(41) Sr^a I. - Só, a minha vida é **aí!** Depois é... Pronto cabô se por aí, cabô escola cabô tudo. Fomu trabalhar todo mundo na roça e o que aparecesse prá fazer né? E pronto. [...]

Como se pode perceber, o uso do *é aí* está associado à intenção comunicativa de a falante expressar a constatação de que a sua vida escolar se restringe apenas a ler, escrever e fazer três continhas. Esse uso, conjugado com a ideia de que a construção também indica valor enfático, reforça as suas propriedades de marcador discursivo.

Por fim, a terceira construção é com o verbo *ver*, sendo usado com valor de injunção, pois a entrevistada determina que o interlocutor faça algo, como se pode notar em (8):

(8)

(172) Arthur Ferreira - A senhora lembra quando veio prá cá pra Ceilândia?

(173) Sr^a M. V. - Só sei que o meu menino, quando eu vim pra pra qui pro "P" Norte, meu menino tinha nove ano.

(174) Arthur Ferreira - É?

(175) Sr^a M. V. - O mais velho.

(176) Arthur Ferreira - O mais velho tinha nove anos. Ah, sim!

(177) Sr^a M. V. - A ota tinha, tinha, tinha doze. A mais velha tinha doze, meu filho. Então **vê aí** quantos anos... Eu num sei.

(178) Arthur Ferreira - Ah, então foi trinta anos atrás, setenta e nove. ((O setor "P" Norte da Ceilândia foi criado em 1979. E uma colega da Sr^a M. V. confirma.))

Quando perguntada sobre a data de quando a entrevistada havia ido para Ceilândia, a mesma recorre à idade que os filhos tinham na época da mudança e determina, de forma injuntiva, que o interlocutor faça os cálculos para esclarecer o que ela não sabe precisar exatamente. Temos em evidência, nesse caso, a manifestação da inferência sugerida, nos termos de Traugott e Dasher (2005), em que o falante negocia com o seu interlocutor o que ele deve fazer. E, de fato, isso acontece, pois o entrevistador interpreta a data e esclarece em seguida. Como no caso dos verbos *esperar* e *aguentar*, *ver* está sendo usado também de forma reduzida.

Para as funções procedurais ilustradas em nossa amostra, seja na função de modalizador, seja na função de marcador discursivo, verbo e locativo correspondem a um pareamento de forma e sentido, pois: (i) do ponto de vista fonológico, formam um *chunking* (encadeamento), sequência de unidades que se unem e formam uma unidade mais complexa; (ii) do ponto de vista morfosintático, há perda de traços de categorias de verbo e locativo circunstancial, o que determina a ordem projetada pela construção, verbo + locativo, sem possibilidade de inserção de outros elementos entre eles; (iii) do ponto de vista semântico, o sentido original tanto do verbo e do locativo é alterado e a composicionalidade passa a ser fraca, isto é, a união do verbo com o locativo sinaliza a forte integração entre eles, indicando a perda da fronteira entre as subpartes que compõem a construção; (iv) do ponto de vista pragmático-discursivo, seus usos estão associados à orientação do processamento discursivo.

4 Hierarquia construcional da construção [VLOC] procedural

A fim de demonstrar a hierarquia projetada para a construção [VLOC] em sua função procedural, para os casos que apresentamos em nossa amostra, adotamos o modelo proposto por Traugott (2008), conforme apresentado na figura (2).

No primeiro nível da hierarquia, temos a macroconstrução [VLOC], esquema abstrato que engloba as estruturas mais genéricas da rede, que projeta a mesma especificação sintática, dois *slots*(espaços), um para o verbo e outro para o locativo. A partir da função licenciada pela construção, se modalizador, se marcador discursivo, são recrutados verbos e locativos para preencher os espaços, formando, assim, no segundo nível, as mesoconstruções, um tipo particular de construção, bastante abstrata ainda. Elas se definem por veicularem uma macrofunção a partir de um tipo específico de verbo, que, em nossa análise, foram: *saber* + *locativo* (modalizador); *esperar* + *locativo*; *aguentar* + *locativo*; *ser* + *locativo*; *ver* + *locativo* (marcador discursivo). Apesar de os nós dessas construções apresentarem a mesma configuração sintática, cada uma delas tem as suas especificações semânticas definidas pelo verbo: *saber* (cognitivo – Vcog.); *esperar/aguentar* (processo – Vproc.); *ser* (estado – Vest.); *ver* (percepção – Vperc.).

No terceiro nível, são formadas as microconstruções, tipos de construções individuais, preenchidas conforme as particularidades das macrofunções definidas nas mesoconstruções: *sei lá* (asseveração relativa), *espera aí*, *aguenta aí* (interrupção), *é aí* (constatação), *vê aí* (injunção). Por fim, no quarto nível, estão os construtos, que, conforme Traugott e Trousdale (2013), são as

instâncias concretamente usadas, empiricamente comprovadas nas práticas comunicativas.

Na figura 3, que se segue, sistematizamos essa hierarquia:

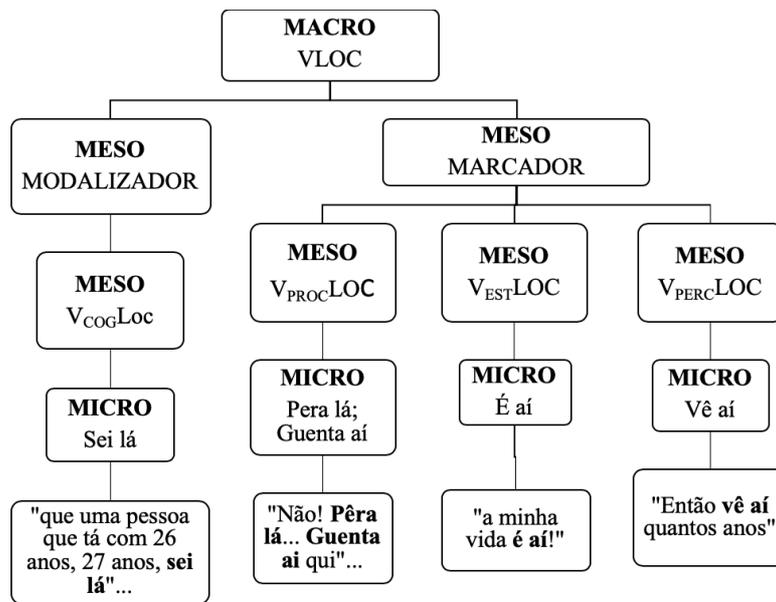


Figura 3. autoria própria

Pela amostra que apresentamos em nossa descrição, e pela hierarquia apresentada nessa figura (3), notamos que a mesoconstrução de marcador apresenta mais pareamentos de forma e sentido do que a de modalizador. Isso pode ser explicado a partir de fatores como esquematicidade, composicionalidade e produtividade, conforme Traugott e Trousdale (2013).

O fator esquematicidade indica se as construções apresentam maior ou menor grau de generalidade de suas propriedades estruturais e funcionais. Quanto mais esquemático for um padrão construcional, mais subpartes podem ser preenchidas por outros constituintes. No caso da mesoconstrução de marcador, ela é mais esquemática do que a outra, o que possibilitou que verbos de diferentes bases semânticas pudessem ser acionados para a formação das macrofunções.

Quanto mais esquemática for a construção, menor composicionalidade ela apresenta. Isso quer dizer que, no caso dos marcadores, verbo e locativo formam um pareamento mais integrado, indicando que as duas unidades só podem ser interpretadas se consideradas em conjunto. No caso do modalizador, embora verbo e locativo também formem um pareamento de forma e sentido, sua composicionalidade aponta que a ligação entre eles não é tão forte, já que *sei lá* pode ser substituído pelo equivalente *não sei*, teste usado para assegurar que esse item está sendo usado como modalizador. Na função de marcador, nos exemplos analisados, o teste da substituição não se aplica, o que reforça o *status* da forte integração entre verbo e locativo.

Por fim, a produtividade de uma construção está ligada à sua frequência, ao quanto ela pode estender seus usos. Quanto mais uma

construção tem seus usos estendidos, mais produtiva ela é. E isso fica evidenciado na mesoconstrução de marcador, que, em nossa amostra, licenciou três microconstruções específicas: [VprocLOC], [VestLOC] e [VpercLOC].

Segundo Traugott e Trousdale (2013), quanto mais usadas forem as instâncias de uma construção, quanto mais os falantes as repetirem, mais rotinizadas e automatizadas elas se tornam, o que, conseqüentemente, amplia a gama de usos da construção. Embora nossa amostra tenha sido bastante singular, com poucos dados, ela aponta nessa direção, de que é possível formar, portanto, novos pareamentos dentro da mesoconstrução dos marcadores discursivos⁴.

Considerações finais

À luz de pressupostos da Gramática de Construções, apresentamos, neste artigo, uma descrição e análise de padrões instanciados por construções [VLOC], em que verbo e locativo foram usados, na amostra investigada, ora com seus sentidos plenos, de nível lexical, ora formando um pareamento de forma e função, tal como postulado por Goldberg (1995; 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013).

A fim demonstrar os construtos evidenciados por construções [VLOC] em sua função procedural, demos destaque a usos que correspondem a duas funções pragmático-discursivas que, como vimos na hierarquia ilustrada na figura (3), apresentam dois padrões: de um lado temos o modalizador, cujo representante foi o *sei lá*; de outro, o marcador discursivo, com três exemplares, *pera lá* e *guenta aí*; *é aí*; e *vê aí*. A partir dos fatores relacionados às construções, esquematicidade, composicionalidade, produtividade, defendemos na análise que os dois padrões se diferenciam, apesar de ambos formarem pareamentos de forma e sentido.

Embora tenhamos apresentado uma amostra bastante simplificada, acreditamos ter exemplificado como novos usos podem ser interpretados a partir de uma abordagem como a construcional, que pode muito contribuir com os trabalhos de descrição do português brasileiro. Além disso, entendemos que essas novas análises podem fomentar discussões que se fazem necessárias no âmbito do ensino de língua portuguesa, um contexto em que lida ainda com categorias do tipo verbo e locativo a partir de noções discretas, não vislumbrando padrões emergentes como os que apresentamos em nossa amostra.

AGRADECIMENTOS: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.”

⁴ Em Teixeira (2015), ela demonstra outras instâncias veiculadas pela categoria de marcadores discursivos e apresenta a hierarquia construcional da Construção Verbal Marcadora Discursiva (VLocMD).

REFERÊNCIAS

- BORTONI, R. S. M. **A Brasília que não lê**. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/projetos/a-brasilia-que-nao-le/category/20-banco-de-dados>> Acesso em: jun. 2019.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**: Vol. II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 213-260, 1993.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, p.13-39, 2013.
- FURTADO DA CUNHA; M. A. F. da; LACERDA, P. F. A. da. C. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA; M. R. de; CEZARIO, M. M (Orgs.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. Rio de janeiro: Eduff, p. 17- 45, 2016.
- GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction appoache to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, L. P. dos. Padrões de uso da expressão *sei lá* no português. **Signótica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 363-384, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/17529/11016>> Acesso em: abr. 2019.
- TEIXEIRA, A. C. M. **Construção verbal marcadora discursiva VLocmd**: uma análise funcional centrada no uso. 2015. 298 p. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense Instituto de Letras, Niterói, 2015.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.) **Variation, selection, development**: probing the evolutionary model of language change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 219-250, 2008.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 07 de janeiro de 2020.

Aprovado em 03 de março de 2020.

Publicado em 30 abril de 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Gessilene Silveira Kanthack é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, Brasil. Professora titular (pleno) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-Ba, Brasil, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações (UESC), bem como ao Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UESC). Tem experiência na área de linguística e desenvolve pesquisas que contemplam, em especial, fenômenos que envolvem a sintaxe do português brasileiro.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-1352-436X>

E-mail: gskanthack@yahoo.com.br

Maria Alice Linhares Costa é mestranda do programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus-Ba, Brasil. Bolsista de pós-graduação com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil. É membro do Grupo de Pesquisa Linguagens, estruturas e práticas sociais, desenvolvendo investigações especialmente na área de Linguística Funcional.

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-1063-2514>

E-mail: m.alicelinhares@hotmail.com